

«««TRIBUNA DO VATE»»»
“OS MAIS BELOS POEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA”



Biografia de ANTERO DE QUENTAL

Antero Tarquínio de Quental nasceu em Ponta Delgada, Açores, em 18.04.1842 e suicidou-se na mesma cidade em 11.09.1891.

Durante a sua vida dedicou-se à Poesia, à Filosofia e à Política - (Foi um dos fundadores do Partido Socialista Português). Em 1861 publicou os seus primeiros Sonetos. Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra em 1864 e em 1866 trabalhou em Lisboa como tipógrafo e no ano seguinte em Paris. Fundou o jornal "A República" em 1869 e publicou em 1886 os Sonetos Completos, considerados por muitos críticos como um dos melhores da Língua Portuguesa e comparados aos de Camões e Bocage. Antero foi um Poeta que pensava o que sentia e sentia o que pensava; cujos versos brotavam-lhe da alma como soluços e agonias. Toda a sua Poesia, escultural e hierática; é simplesmente fantástica.

MÃE...

Mãe - que adormente este viver dorido.
 E me vele esta noite de tal frio,
 E com as mãos piedosas até o fio
 Do meu pobre existir, meio partido...

Que me leve consigo, adormecido,
 Ao passar pelo sítio mais sombrio...
 Me banhe e lave a alma lá no rio
 Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho de homem - dava
 Minha estéril ciência, sem receio,
 E em débil criancinha me tornava,

Descuidada, feliz, dócil também,
 Se eu pudesse dormir sobre o teu seio
 Se tu fosses, querida, a minha mãe!

IDÍLIO

Quando nós vamos ambos, de mãos dadas,
 Colher nos vales lírios e boninas,
 E galgamos dum fôlego as colinas
 Dos rocios da noite inda orvalhadas;

Ou, vendo o mar das ermas cumeadas
 Contemplamos as nuvens vespertinas,
 Que parecem fantásticas ruínas
 Ao longe, no horizonte, amontoadas:

Quantas vezes, de súbito, emudeces!
 Não sei que luz no teu olhar flutua;
 Sinto tremer a mão e empalideces

O vento e o mar murmuram orações,
 E a poesia das coisas se insinua
 Lenta e amorosa em nossos corações.



À VIRGEM SANTÍSSIMA

Num sonho todo feito de incerteza,
 De nocturna e indizível ansiedade,
 É que eu vi teu olhar de piedade
 E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
 Nem o ardor banal da mocidade,
 Era outra luz, era outra suavidade
 Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma ventura
 Feita só do perdão, só da ternura
 E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
 Fita-me assim calada, assim chorosa...
 E deixa-me sonhar a vida inteira!